

“Revolta”: um poema antigo de Pound

Paulo R. Licht dos Santos

Professor de Filosofia –
UFSCar/CNPq

paulolicht2@gmail.com

“Revolta contra o espírito crepuscular na poesia moderna” faz parte de *Personae*, terceiro livro de poemas de Pound e o primeiro que publica em Londres, em 1909¹. Mais tarde, em 1926, Pound também denomina *Personae* uma versão ampliada do livro de 1909, com o subtítulo: “Poemas Reunidos de Ezra”.² Por que *Personae* para a obra de 1909? Um comentário autobiográfico de Pound no *Gaudier-Brzeska*, de 1916, pode dar uma pista: “Na ‘busca por si mesmo’, na busca pela ‘sincera expressão de si’, tateia-se, encontra-se algo que parece verdade. Diz-se: ‘Sou’ isto, aquilo ou o outro, e, mal proferidas as palavras, deixa-se de ser a coisa. Comecei esta busca pelo real em um livro chamado *Personae*, extraindo, por assim dizer, máscaras inteiras do eu em cada poema. Continuei em uma longa série de traduções, que foram apenas máscaras mais elaboradas. Em segundo lugar, fiz poemas como ‘O Retorno’, que é uma realidade objetiva e tem uma espécie complicada de significação (...). Em terceiro lugar, escrevi ‘Heather’, que representa um estado de consciência ou o ‘indica’ ou o ‘implica’. (...). Essas duas últimas espécies de poemas são impessoais (...)”.³

Não é possível aqui, mera apresentação de um poema e de sua tradução, analisar o que seja a constituição de “pessoas” (*personae*), prática de Pound “cuja importância jamais pode ser superestimada”.⁴ Basta afastar alguns juízos mais imediatos que poderiam impedir, de saída, que o poema pudesse falar por si mesmo. Em latim, *personae* (*persona*, no singular) possui diversos significados aparentados.⁵ *Persona* pode ser a perso-

1 De acordo com Thomas F. Grieve: “Embora se costume pensar que tenha sido o primeiro livro de poesia publicado por Pound, *Personae* foi, na verdade, precedido por *A Lume Spento*, que teve 150 cópias impressas em Veneza custeadas pelo próprio Pound, e depois por *Uma quinzena por este Yule*, de 1908. No entanto, *Personae*, de 1909, pode ser considerado ‘de fato’ o primeiro livro de poemas de Pound: teve uma impressão significativa (1000 exemplares, por uma editora respeitável) e atraiu interesse de críticos de importantes jornais literários britânicos” (GRIEVE, F. T., 2005, p. 216). Para a tradução do poema *Revolta*, tomamos como base o poema tal como se encontra em POUND 1982, p. 96 e p. 97. Agradeço a Rubens José da Rocha, Renata Cordeiro e Luiz M. Garcia pelas sugestões a uma versão prévia desse texto.

2 Nadel observa que mais adequado seria o subtítulo: *Obras selecionadas*, pois o *Personae* de 1926 inclui apenas alguns dos poemas anteriormente publicados por Pound (NADEL, B.I., 2007, p. 44).

3 POUND, 1916, p. 98.

4 Cf. NADEL, B.I., 2007, p. 44.

5 Sigo aqui, de modo não exaustivo, as indicações de Trendelenburg sobre a história da palavra *persona* (Cf. TRENDELENBURG, 1908). Esse artigo é também mencionado por Leonel Ribeiro dos Santos, que analisa extensamente o conceito de pessoa na filosofia moderna, particularmente em

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017

nagem de um drama. Daí também a possível referência do livro de Pound a *Dramatis Personae*, obra de Robert Browning de 1864.⁶ Também pode ser o papel que alguém desempenha em diversas atividades ou ofícios; ou, então, o caráter que alguém possui ou exhibe. *Persona* também pode ter sentido jurídico. No direito romano, pode designar cada uma das funções exercidas em um tribunal (o acusado, o acusador e o juiz) ou, ainda, todos os que possuem direitos e podem reclamá-los em diversas circunstâncias (com exclusão dos escravos e das coisas). *Persona* pode designar, por fim, os homens em geral. Esses e outros significados não mencionados aqui provêm, por uma série de transposições, do significado originário de *persona*: as máscaras usadas no teatro pelos antigos atores romanos.

É nesse sentido que Pound usa o termo *personae* ao dizer ter extraído “máscaras inteiras do eu em cada poema”. De fato, “máscaras do eu” atravessam *Personae* de ponta a ponta. O “eu”, para dar alguns exemplos, aparece às vezes enfaticamente já nos versos iniciais, como em “Praise of Ysolt”, que abre o *Personae*, de 1909: “In vain have I striven/to teach my heart to bow”; ou como no próprio “Revolta”: “I would shake off the lethargy of this our time”. Às vezes aparece mais timidamente, como em “Xenia”, com o uso do possessivo “meu” (my): “And/ unto thine eyes my heart/sendeth old dreams of the spring-time”. O poema “Occidit” também refere-se à primeira pessoa, mas do plural, com o possessivo “nosso” (“our”): “As in our southern lands brave tapestries”. Ou, por fim, o poema “Marvoil” inicia-se com a declaração de Arnaut de Marvoil sobre si mesmo pela ótica dos que o circundam: “A poor clerk I, ‘Arnaut the less’ they call me”. Em “Notas aos novos poemas”, que encerram *Personae*, Pound esclarece que as *personae* de “Marvoil” são, entre outros, o próprio Arnaut de Marvoil, trovador do século XI. Se aqui a primeira pessoa é a de um outro, não seria assim com os demais poemas de *Personae*? Ou seja, o próprio “eu” ou o “nós” também não seriam máscaras, mesmo quando Pound diz que o livro *Personae* faz parte de suas primeiras tentativas em busca da ‘sincera expressão de si’? A conjectura ganha fôlego caso se lembre a proveniência do nome e da categoria gramatical de pessoa. Trendelenburg apresenta alguns documentos históricos para mostrar que os gregos que fundaram nossa gramática, talvez os estoicos, recorreram à palavra grega πρόσωπον (face ou máscara), para designar as principais terminações verbais e, assim, as três pessoas do discurso.⁷ Portanto, transposição para a gramática de um termo proveniente do drama, primeiro pelos gregos e depois pelos romanos.

Se *persona* possui o significado originário de máscara, em que o “eu” fala e se apresenta por traços de outros, não estaria

Kant (Cf. SANTOS, 2011, pp. 7-40). Uma possível etimologia de *persona* é *per-sono*: “o que soa ou faz soar por meio de”. Trendelenburg, contudo, põe em dúvida essa etimologia, mencionando outras possíveis..

6 Essa é sugestão de Nadel (NADEL, B.I, 2007, p. 44).

7 Cf. TRENDELENBURG, 1904, p. 10.

em jogo na técnica de Pound a dissimulação de si ou do real? Não é o que se pode inferir do comentário de Pound: “Comecei esta busca pelo real em um livro chamado *Personae* (...)”. Essa busca só faz sentido, porém, porque o real não se apresenta imediatamente definido: “na busca pela ‘sincera expressão de si’, tateia-se, encontra-se algo que parece verdade (...)”. Nesse caso, até mesmo a “expressão sincera de si”, que talvez pudessem evocar algum lirismo ainda pouco elaborado, está longe de ser a transposição imediata para o poema de algum traço já definido de si. Pois não há, por um lado, o que eu sou realmente e, por outro, a linguagem que me convém ou não. Na construção de uma *persona*, a forma de expressão e o real, a máscara e o rosto, são concomitantes: “Eu sou’ isto, aquilo ou outro e, mal proferidas as palavras, deixa-se de ser a coisa”. Note-se que, no texto original de Pound, “Eu sou” vem entre aspas, pois não se é sem uma forma precisa de expressão. Por isso mesmo, uma *persona* não é a máscara que esconde o real ou dissimula o que sou, mas o que primeiro os molda para exibí-los de certo modo. Negativamente: se a forma de expressão é inadequada, o real, de início apenas entrevisto (“algo que parece verdade”), é completamente perdido: “deixa-se de ser a coisa”. Nesse caso, também não tem cabimento tomar determinada *persona* ou poema como a máscara autêntica por excelência. Cada uma delas é expressão parcial de um processo contínuo que apenas pode ganhar complexidade crescente, mas nunca alcançar a expressão definitiva de si e do que é. Vale a pena retomar Pound: “Comecei esta busca pelo real em um livro chamado *Personae*, extraindo, por assim dizer, máscaras inteiras do eu em cada poema. Continuei em uma longa série de traduções, que foram apenas máscaras mais elaboradas”. É precisamente como busca para dar forma ao opaco e concretude ao difuso que se pode ler a abertura do “Revolta”:

Queria sacudir a letargia deste nosso tempo e dar
Para sombras – formas de força
Para sonhos – homens.

A passagem autobiográfica de Pound, citada há pouco, classifica seus primeiros poemas em três fases.⁸ Se as duas últimas são de poemas impessoais, seria a primeira, a de *Personae*, de menor valor poético? Por buscar a “sincera expressão de si”, a primeira fase ficaria aquém da expressão precisa que se encontraria nas duas fases seguintes? Em outras ocasiões Pound irá desqualificar seus poemas iniciais. Mas, aqui, a transição dos poemas “pessoais” para os “impessoais” não marca uma escala de valor, apenas a diferença do domínio do real investigado. A primeira fase é a da busca pela apreensão e expressão de si mesmo: “Diz-se: ‘Sou’ isto, aquilo ou outro (...)”. A fase seguinte é busca pela expressão da realidade objetiva: “Em segundo

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017

8 Cf. KENNER, H. 1985, p.121.

lugar, fiz poemas como 'O Retorno', que é uma realidade objetiva e tem uma espécie complicada de significação (...)"'. Já a terceira, "representa um estado de consciência ou o 'indica' ou o 'implica'". Três modos, portanto, da investigação contínua do real por meio de uma linguagem que procura apresentá-lo e representá-lo em domínios distintos: expressão precisa daquilo que 'sou', apresentação da realidade objetiva do que é, e, por fim, representação dos estados de consciência.

Essa análise, até certo ponto vazia por ser muito geral, encontra apoio na leitura circunstanciada que Hugh Kenner faz de alguns dos poemas mencionados por Pound nas duas fases finais. Para reter apenas a conclusão dessa leitura, teríamos, na transição de Pound da primeira para as duas fases seguintes, não a passagem da personalidade para a impessoalidade, mas a passagem para uma *persona* mais ampla ou essencial. Teríamos "um experimento despersonalizado do eu", reconhecível em alguns dos *Cantos*: "a personalidade, despida de todas as contingências, tornou-se, extensivamente, um ponto de luz que se move por mundos possíveis, um modo de consciência capaz de ser transposto em um número indefinido de usos".⁹ Por nossa conta, *personae* como poemas de ninguém.

É plausível pensar que é com base nessa proposta, não por seu abandono, que Pound irá rejeitar seus poemas iniciais. A edição *Personae* de 1926 descarta o poema "Revolta", juntamente com noventa e oito poemas antes publicados.¹⁰ A justificativa de Pound: "Estava ofuscado pela linguagem vitoriana (...), a crosta do inglês morto, o sedimento presente em meu próprio vocabulário disponível. (...). Rossetti fez sua própria linguagem. Até 1910 eu não fizera uma linguagem, não quero dizer uma linguagem para usar, mas mesmo uma para pensar".¹¹ Ao abandonar alguns poemas anteriores, Pound recusa não a prática de personalização, mas o resultado alcançado, insuficiente para constituir uma linguagem capaz de pensar o real. Se for assim, por que teríamos de rejeitar, sem mais, uma máscara anterior de Pound com base em uma *persona* posterior (Pound como crítico de si mesmo)?

Prova dos nove de que o poema tem de falar por si mesmo está na recepção conflitante do poema "Revolta". Os críticos mais recentes consideram o poema um bem logrado malogro de Pound em tentar criar uma nova linguagem para lidar com as condições da vida moderna: "Entre os poemas que concluem *Personae* (1909), há um que defende bravamente uma 'Revolta', mas acaba, olhando-se melhor, por tornar-se igualmente um protesto crepuscular 'contra a letargia de nosso tempo'".¹² Já um leitor de primeira de hora de *Personae* vê em Pound uma "semente nova" que destoaria do gosto de parte do público por

9 *Idem ibidem*, p. 121.

10 Essa contabilidade é de Louis Martz, autor da introdução aos *Collected Early Poems of Ezra Pound* (POUND, E. 1982, p. vii).

11 Citado por RUTHVEN, K. K., 1983, pp. 17, 18.

12 RUTHVEN, K. K., 1983, p. 17. Opinião similar se encontra em p.62

“novas variedades dos antigos favoritos”.¹³ O poema “Revolta”, que o crítico considera “irregular, mas vigoroso”, seria um caso exemplar da “qualidade do Sr. Pound”.¹⁴ Mas o caráter exemplar não viria da singularidade do poema ou da excentricidade do poeta, mas do enraizamento de ambos no passado, mais remoto e mais próximo. Depois de ter lembrado a filiação de Pound a Browning, o crítico o compara aos trovadores provençais, “pelo senso de beleza das coisas e das palavras”, e a Walt Whitman, pela “vigorosa individualidade”.¹⁵ O crítico, assim, situa Pound na tradição, em plena conformidade com a epígrafe que abre o livro *Personae* de 1909: “Make-strong old dreams lest this our world lose heart”¹⁶.

Entre os dois críticos, o mais recente e o antigo, qual escolher? A pergunta é descabida, por dois motivos aparentados. Primeiro, que contradição poderia haver entre quem enxerga de perto com exatidão, mas não o que o ultrapassa, e quem tem a visão ampla, mas não o foco do que está próximo? Se for assim, não se impõe nenhuma escolha entre o crítico passado, que tem presente o nítido contraste dos poemas de Pound com a produção requeitada de outros autores contemporâneos seus, e o crítico mais recente, que tem presente a amplitude da obra posterior de Pound. A pergunta inicial é descabida, em segundo lugar, pela própria relação temporal que o poema propõe ao leitor. O ponto de partida é nosso momento presente (“este nosso tempo”), não necessariamente o “nosso tempo” de Pound. O ponto de chegada é a aposta que uma dicção antiga, mais vigorosa, possa abrir o futuro:

Grande Deus, se medrados estes filhos teus traços tão
[rápidos,
Rogo-te abraçar o caos e gerar nova prole:
Titãs que empilhem penhascos e revolvam
Esta terra outra vez.

O poema instaura, assim, uma relação entre passado e futuro que deve ser moldada continuamente a partir de nosso tempo presente. Se for assim, o poema, ou todo poema exemplar, ainda que jamais possa dar a última palavra, deverá ter sempre a primeira. Agora, só resta a pergunta se o “Revolta” e, em algum grau, sua tradução em português alcançam o que Pound ambi-

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017

13 Trata-se da resenha de publicada, sem o nome do autor, em 23 de abril de 1909 no *Daily Telegraph*. A resenha encontra-se reproduzida em: “COURTNNEY, W. L., 2009, pp. 44 e 45.

14 *Idem ibidem*, p. 45.

15 *Idem ibidem*, p. 45.

16 T. S. Eliot não vê nada de Walt Whitman em *Personae*; além dos provençais, apenas haveria, dos poetas modernos, marcas de Browning e de Yeats (cf. Eliot, p. 9). Diggory, por sua vez, entende ser Yeats o alvo do “Revolta” bem como a referência dos versos: “Or tread too violent in passing them”. Cita, como apoio, o último verso do poema de Yeats “Aedh Wishes for the Cloths of Heaven”: “Tread softly because you tread on my dreams” (Cf. Diggory, 2016, p. 40).

ciona: “dar às pessoas novos olhos, não fazê-las ver uma nova coisa particular”.¹⁷

REVOLTA

Contra o Espírito Crepuscular na Poesia Moderna

Queria sacudir a letargia deste nosso tempo
e dar
Para sombras – formas de força
Para sonhos – homens.

“É melhor sonhar que agir?”
Sim! E: não!

Sim! se sonhamos grandes feitos, homens de fibra,
Quente o coração, potente o pensar.
Não! se sonhamos flores sem cor,
Cortejo lento de horas que languidamente
Gotejam feito fruto passado de árvores pálidas.
Se assim morremos e vivemos, não a vida, mas sonhos.

Grande Deus, concede vida em sonhos,
Não fuga, mas vida!
Sejamos homens que sonham,
Não fracos, ocos, fâmulos
À espera que o Tempo morto acorde e mitigue
Inominados males.

Grande Deus, se a nossa sina é ser não homens,
[sonhos apenas,
Então sejamos sonhos que façam o mundo tremer,
Que nos reconheça senhores embora meros sonhos!
Então sejamos sombras que façam o mundo tremer,
Que nos reconheça mestres embora meras sombras.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017

Grande Deus, se medrados os homens só espectros
[enfermos sem cor,
Que têm de viver apenas nestas névoas e luzes tépidas,
E tremem quando batem alto horas mudas,
Ou pisam demais brutais ao passá-las;

17 Relato de Pound sobre um correspondente russo, inicialmente perplexo com o poema “Heather” (POUND. 1916, p. 98).

Grande Deus, se medrados estes filhos teus traços
[tão rápidos,

Rogo-te abraçar o caos e gerar nova prole:
Titãs que empilhem penhascos e revirem
Esta terra outra vez.

REVOLT

Against the Crepuscular Spirit in Modern Poetry

I would shake off the lethargy of this our time,
And give
For shadows - shapes of power
For dreams - men.

"It is better to dream than do"?
Aye! and, No!

Aye! if we dream great deeds, strong men,
Hearts hot, thoughts mighty.
No! if we dream pale flowers,
Slow-moving pageantry of hours that languidly
Drop as o'er-ripened fruit from fallow trees.
If so we live and die not life but dreams,
Great God, grant life in dreams,
Not dalliance, but life!

Let us be men that dream,
Not cowards, dabblers, waiters
For dead Time to reawaken and grant balm
for ills unnamed.

Great God, if we be damn'd to be not men but only dreams,
Then let us be such dreams the world shall tremble at
And know we be its rulers though but dreams!
Then let us be such shadows as the world shall tremble at
And know we be its masters though but shadow!

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017

Great God, if men are grown but pale sick phantoms
That must live only in these mists and tempered lights
And tremble for dim hours that knock o'er loud
Or tread too violent in passing them;

Great God, if these thy sons are grown such thin ephemera,
I bid thee grapple chaos and beget
Some new titanic spawn to pile the hills and stir
This earth again.

BIBLIOGRAFIA

COURTNEY, W. L. "Daily Telegraph". In: "Ezra Pound: The Critical Heritage Series". Ed. Eric Homberger. New York-London: Routledge, 2009.

DIGGORY, T. *Yeats and American Poetry: The Tradition of the Self*. Princeton: University Press, 2016.

ELIOT, T.S. *Ezra Pound, his metric and poetry*, New York, 1917. Disponível em: <<https://www.bl.uk/collection-items/ezra-pound-his-metric-and-poetry-by-t-s-eliot>> Acesso em: 19/12/2017).

GRIEVE, F. T., "Personae", in: *The Ezra Pound Encyclopedia*. Ed. D. P. Tryphonopoulos, and S. J. Adams. Westport- Connecticut - London: Greenwood, 2005.

KENNER, H. *The Poetry of Ezra Pound*. Reprinted edition. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1985.

NADEL, I. B. *The Cambridge Introduction to Ezra Pound*. New York: Cambridge University Press, 2007.

POUND, E. *Collected Early Poems of Ezra Pound*. Ed. por Michael John King. New York: A New Directions Book, 1982.

POUND, E. *Gaudier- Brzeska*, London: John Lante Company, 1916.

RUTHVEN, K. K. *A Guide to Ezra Pound's Personae (1926)*; Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1983.

SANTOS, L. R. "Do paralogismo lógico da personalidade ao paradoxo moral da pessoa: gênese e significado da antropologia moral kantiana", *Studia Kantiana* 11 (2011): 7-40

TRENDELENBURG, A. "Zur Geschichte des Wortes Person", *Kantstudien* 13 (1908), pp.1 -17.

ISSN 2359-5140 (Online)

Ipseitas, São Carlos,
vol.3, n.2, p. 226-233
jul-dez, 2017